

A semiose da Cura: uma análise semiótica da obra Garden, de Romero Brito ¹

Elisângela Oliveira
Cangussu² Luciene Cristina
Lana Ferreira³ Renata
Ricelly Nascimento Rocha⁴
Professor/Orientador Dr. Diego Marques⁵
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Campus Rondon do
Pará - PA

Resumo

A semiótica é a ciência que estuda os signos, portanto, seu campo de estudo é amplo, abarca todas as linguagens (verbais e não verbais), já que cada linguagem é formada de signos que permitem a comunicação entre os indivíduos. Os signos são sinais indicadores de algo, dentro de um determinado contexto sociocultural.

O propósito desse artigo é investigar os sentidos da obra “Garden”, do pintor Romero Brito. Para isso, lançaremos mão da metodologia semiótica proposta por Charles Sanders Peirce.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica; Charles Peirce; Romero Britto; Garden; Britto.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFESSPA, email: renataeslminha@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFESSPA, email: diegomarques@unifesspa.edu.br

Introdução

As reflexões realizadas neste artigo constituem uma tentativa de melhor compreender os textos não-verbais, como as imagens, em especial a obra de arte de Romero Britto, como um texto significativo. Considerando que a pintura é formada por signos recorreremos à Semiótica peirceana para melhor analisá-la, pois a Semiótica realiza investigações sobre signos, sistemas e processos sógnicos.

A escolha da obra de arte “Garden” (2000) de Romero Britto, é resultante das indagações que realizamos durante as aulas da disciplina Teorias da Linguagem, na turma de 3º semestre do curso de Jornalismo, sobre os processos de semiose na arte.

Começamos com uma breve discussão sobre semiótica peirceana das quais nos servimos para este estudo. Em seguida buscamos compreender o artista em questão e a obra a ser foco de análise. Por fim, estabelecemos dois objetivos para este estudo: 1) identificar as contribuições da semiótica peirceana para análise da obra de arte; 2) analisar os signos produzidos por Romero Brito a partir da aludida abordagem.

Em nível teórico essa investigação se justifica, pois poderá servir para ampliar a compreensão a respeito da arte, sobretudo, da temática principal desse trabalho que é semiótica. Além disso, poderá complementar o acervo de referências da universidade e do próprio curso, servindo como material de futuras consultas acadêmicas.

1.Semiótica: Teoria geral dos signos

A Semiótica estuda todos os tipos possíveis de signos, configurando-se como uma ciência que abarca todas as linguagens, com enfoque interdisciplinar, abrangendo uma área de estudo muito vasta e complexa, visto que estuda a realidade cultural, o contexto. As argumentações mais contemporâneas relacionadas à ciência semiótica são definidas pelo norte-americano Charles Sanders Peirce, por meio da chamada Semiótica Peirceana.

Como forma de ciência que estuda todas as linguagens possíveis, a semiótica traz contribuições extremamente importantes para que se possa compreender como tais linguagens são desempenhadas nas ações humanas. Nesse sentido, não se deve confundir linguagem com língua. Linguagem compreende todo sistema de comunicação, que é plural, isto é, que envolve várias formas sociais de produção de significação e sentidos.

Por língua pode-se entender a língua nativa, materna ou pátria, utilizada cotidianamente para a comunicação verbal, de forma escrita ou oral (SANTAELLA, 1983). A comunicação, contudo, pode acontecer por intermédio de outras linguagens não apenas a verbal, como as imagens, os gráficos, os sinais, as luzes, os fenômenos naturais, até mesmo por meio do cheiro e do tato, e muitas outras.

Fundamental na semiótica é o conceito de signo. O signo pode ser entendido como uma coisa que evoca outra, o seu objeto, para alguém, o interpretante. O objeto do signo, portanto, é considerado, em certo sentido, a causa determinante do processo de produção de sentido. Essa função de signo só é possível, portanto, se ele carrega esse poder de representar, de substituir algo que seja diferente dele mesmo. Em suma, o signo simplesmente está no lugar do objeto, ele não é o objeto. Assim, o signo só pode representar um objeto de certa forma e numa certa capacidade.

Para que haja representação é necessário que haja um interpretante. De acordo com a Semiótica Peirceana, ao representar um objeto, o signo produz na mente do interpretante algo que pode ser um novo signo ou um quase-signo, que se relaciona com o objeto não de maneira direta, mas através da medição do signo anterior. A mediação é, portanto, a característica principal dos signos, pois eles se situam entre o sujeito e o mundo, tanto para organizar atividades de produção material e simbólica, quanto para estruturar o pensamento.

Vale ressaltar que, de acordo com Pierce (1998), é o signo que fundamenta a representação, uma vez que ele é percebido como sendo algo que representa alguma coisa para alguém e cria, no espírito dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. (WARTA e REZENDE, 2011).

O processo relacional que se cria na mente do intérprete ao se deparar com o signo, conforme vimos, produzirá na mente interpretadora outro signo que traduz o significado do primeiro. Este é entendido como o interpretante do signo anterior e está relacionado aos construtos teóricos existentes na mente de cada intérprete. Portanto, como discutido por Santaella (1983), o significado de um signo é outro signo — seja este uma imagem mental ou palpável, uma ação ou mera reação gestual, uma palavra ou um mero sentimento de alegria, raiva, uma ideia, ou seja lá o que for — porque esse seja lá o que for, que é criado na mente pelo signo, é um outro signo, tradução do primeiro.

A semiose, ou seja, os processos de significação, resulta, assim, de uma série de interpretantes sucessivos. Nesse sentido, não haveria nenhum primeiro nem um último signo em um processo de semiose ilimitada. (PIERCE, 2005, apud GIORDAN, 2007).

Dessa maneira, o signo, seu objeto e o interpretante, criado na mente das pessoas, formam uma tríade, a partir da qual podem ser mais bem compreendidos os processos de significação (GIORDAN, 2007).

Segundo Cavalcante (2022), para a compreensão do processo de semiose é importante destacar a arquitetura da filosofia de Peirce de uma forma mais ampla. Por outros termos, é preciso destacar os aspectos estéticos e éticos que são as molas propulsoras dos processos de significação. Trata-se de destacar o contexto em que o signo é produzido, suas aspirações inventivas bem como os valores envolvidos na produção do signo.

É importante destacar também que a semiótica é fundamentada na fenomenologia: a quase-ciência responsável por descrever a aparência dos fenômenos. Segundo Peirce (1998), seriam três as categorias fenomenológicas: primeiridade, secundidade e terceiridade.

A primeiridade corresponde a categoria que precede toda síntese e toda diferenciação; que se apresenta de forma imediata, nova, que não foi articuladamente pensada e, deste modo, é anterior a qualquer descrição. É vista como uma qualidade monádica. Segundo Santaella (1983), primeiridade é a categoria que dá à experiência sua qualidade distintiva, seu frescor, originalidade irrepitível e liberdade.

A secundidade começa quando um fenômeno é relacionado a outro qualquer. Refere-se à experiência, às ideias de dependência entre dois termos (qualidade e existência), atos de ação e reação, surpresa, dúvida da realidade e da experiência. Gerou sensação, já é secundidade. Conforme Santaella (1983), secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto, razão ou lei.

A terceiridade é a categoria da mediação, da continuidade, da síntese, da memória. Refere-se à generalidade, ao crescimento, à continuidade e à inteligência. De acordo com Santaella (1983), a terceiridade é quem aproxima um “primeiro” e um “segundo” numa síntese intelectual. Deste modo, a mais simples ideia de terceiridade é aquela de um signo ou representação. E esta diz respeito ao modo, o mais relevante, com que nós, seres simbólicos, estamos postos no mundo.

Aí estão enraizadas as bases fenomenológicas para a Semiótica Peirceana, onde é justamente na terceira categoria que nos deparamos com a noção de signo genuíno ou triádico – que relaciona signo, objeto e interpretante, assim como é nas segunda e primeira categorias que surgem as formas de signos não genuínos, isto é, as formas quase-sígnicas da consciência ou linguagem.

Tomando-se a relação do signo consigo mesmo (1º), a relação do signo com seu objeto (2º) e a relação do signo com seu interpretante (3º), Pierce apresentou as seguintes categorias de signos:

Categorias	O signo em relação a si mesmo (significação)	O signo em relação ao objeto (objetivação)	O signo em relação ao interpretante (interpretação)
Primeiridade	Quali-signo	Ícone	Rema
Secundidade	Sin-signo	Índice	Dicente
Terceiridade	Legi-signo	Simbólico	Argumento

Quadro 1: Classificação dos signos semióticos (adaptado de Almeida et al., 2011:11)

Considerando-se o signo em relação a si mesmo, temos a primeira tricotomia: quali-signo, sin-signo e legi-signo. Se a qualidade, como uma cor ou aparência geral, por exemplo, funcionar como signo, temos um quali-signo. É a aparência do signo, sua propriedade primária. Quando a existência, algo real e concreto funciona como signo, ou seja, quando algo real simboliza uma outra coisa, trata-se de um sin-signo. É entendido como um concreto qualquer, de forma singular ou individual, com garantia de que algo ocupe lugar no espaço e no tempo.

Já se a lei funcionar como signo, trata-se de um legi-signo. Esta diz respeito à inscrição do signo num contexto, nascendo daí normas de emprego, como exemplo a convenção, determinando como devemos agir em certa situação.

Na objetivação, a relação do signo com o objeto pode caracterizar um ícone, um índice ou um símbolo. O ícone trata-se de um signo que apresenta semelhança com o objeto sugerido. Uma imagem, por exemplo, é um ícone de uma entidade real. O índice, por sua vez, é um signo onde seu significado é revelado por meio de efeitos produzidos pelo seu objeto. O índice, como seu próprio nome diz, é um signo que como tal funciona

porque indica uma outra coisa com a qual ele está realmente ligado. Há, entre ambos, uma conexão de fato.

Como discutido em Santaella (1983), o girassol, por exemplo, pode ser percebido como um índice uma vez que aponta para o lugar do sol no céu, porque se movimenta na direção do sol. A posição do sol no céu, por seu turno, indica a hora do dia. A flor chamada "onze-horas", que só se abre às onze horas, ao se abrir, indica que são onze horas. O símbolo, enfim, está relacionado ao objeto através de ideias que são produzidas por meio de convenção, uma associação triádica de ideias mais gerais. Por isso mesmo, o símbolo não é uma coisa singular, mas um tipo geral. E aquilo que ele representa também. Assim são as palavras. A palavra mulher, por exemplo, é um geral. O objeto que ela designa não é uma mulher específica, mas toda e qualquer mulher. O objeto representado pelo símbolo é tão genético quanto o próprio símbolo. (SANTAELLA, 1983)

Na interpretação, o signo se relaciona com interpretante, onde este corresponde àquilo que o signo produz na mente do intérprete. Essa relação pode gerar característica de rema, dicente e argumento. Quando o signo em relação ao seu interpretante for um signo que designa qualidade (primeiridade), trata-se de uma rema. Ele é um signo de possibilidade qualitativa que representa este ou aquele tipo de objeto. O dicente é caracterizado quando o signo em relação ao seu interpretante se referir à existência (secundidade). Ele determina um juízo ou uma ação do intérprete. Por fim, quando o signo se refere ao seu interpretante uma lei (terceiridade), é caracterizado um argumento. Representa uma conexão completa, transformando um conjunto de conhecimentos em um novo conhecimento chamado de conclusão.

Romero Britto, Pop Art, Cubismo e o “Garden”

Romero Britto, pintor, escultor e serígrafo brasileiro, nasceu em Recife no dia 6 de outubro de 1963. Autodidata, aos 8 anos de idade começou a se interessar pelas artes plásticas. Ele pintava em sucatas, papelão e jornal e sua família passou a incentivar seu talento artístico natural presenteando-o com livros de arte para estudar.

Sua primeira aparição pública foi aos 14 anos quando vendeu seu primeiro quadro à Organização dos Estados Americanos. Continuou sua luta dentro de suas modestas condições visando o futuro.

Frequentou escolas públicas, recebeu bolsa de estudos para uma escola preparatória e aos 17 anos entrou para a Universidade Católica de Pernambuco, no curso de Direito. Viajou para a Europa para visitar lugares novos e ver a arte que só conhecia nos livros. Durante um ano pintou e exibiu seus trabalhos em vários países como Espanha, Inglaterra, Alemanha e outros. Quando retornou ao Brasil, seu desejo de ter contato com o mundo ficou ainda mais forte, queria continuar a viajar e mostrar sua arte. Com isso, desistiu do curso de Direito e decidiu ir visitar um amigo de infância, Leonardo Conte, que estava estudando inglês em Miami, nos Estados Unidos (ROMERO, 2017). Na Europa entrou em contato com a obra de Matisse e Picasso. Para criar cores vibrantes ele unia influências do cubismo com o estilo pop art.

O movimento 'Pop Art' foi uma representação artística que emergiu na Inglaterra, criado pelo crítico inglês Lawrence Alloway no início dos anos 50, com sua expansão na América do Norte, tinha como propósito, uma crítica ao consumismo e ao American Way of Life da sociedade estadunidense.

Nas obras Pop Art se pretende representações por meio da aproximação da arte com a vida cotidiana, utilização de cores intensas e vibrantes, reproduções de peças publicitárias, inspiração na cultura de massa, uso da serigrafia, imitação da estética industrial, reproduções em série do mesmo tema, uso da imagem de celebridades e inspiração no universo das histórias em quadrinhos.

No Brasil, o domínio da Pop Art se deu no período da ditadura militar e os artistas utilizaram a estética pop para se comunicar com as massas e, assim fazer críticas ao sistema. Os artistas se utilizavam de serigrafias contrastantes, cores vivas e inusitadas como moldes da manifestação no Brasil. Os principais nomes da pop art brasileira são: Antonio Dias (1944), Rubens Gerchman (1942-2008) e Claudio Tozzi (1944). Por conta das características visuais gráficas e da comunicação em massa, a Pop Art conseguiu um grande público e com o passar dos anos, é notória a presença dessa manifestação nas editorias de moda, fotografia, comics e grafite.

As influências do cubismo vêm do pintor Pablo Picasso. O cubismo representa as figuras a partir do uso de formas geométricas, fragmentando e decompondo as imagens, planos de fundo e perspectivas. No cubismo, o artista deixa de representar a aparência real das figuras.

O uso de figuras geométricas para representar as imagens é influência direta do cubismo nas obras de Britto. Diferentemente das obras cubistas, os quadros de Britto não possuem perspectiva, as figuras são representadas de maneira plana. No geral, os quadros apresentam cores fortes, vibrantes e alegres, com os traços bem marcados e definidos. O uso das cores fortes e traços marcados marca a influência da pop art na obra do artista.

O artista contemporâneo Romero Britto utiliza hoje em dia a estética da pop art para produzir suas obras. Entretanto, ele não possui caráter crítico, não sendo considerado por muitos como um pintor da corrente.

De família humilde, Britto conhecia o lado mais sombrio da humanidade, o que influenciou diretamente nas suas obras, onde deseja transmitir sempre muita cor, luz e alegria não só para sua vida como para vida das pessoas. As cores e formas utilizadas em suas obras, são chamadas, por colecionadores e admiradores, de “arte da cura”, pois se você se rodeia de coisas positivas e alegres em momentos difíceis com certeza aquela boa energia vai elevar o seu espírito, vai emanar esperança, aconchego e acalento. Em diversos estudos é possível notar o poder transformador da arte, que ultrapassa a beleza, a estética e a expressão, e entra como terapia, cura, conhecimento, crescimento pessoal e autoconfiança através das ferramentas artísticas (pintura, desenho, teatro, colagem, recorte, etc...).

O que a arte causa no campo da saúde e educação é perfeitamente claro e perceptível a partir do momento em que se têm consciência dos grandes benefícios causados em quem usa desta ferramenta como terapia: sensibilidade aguçada, afinamento da coordenação motora fina e grossa, maior percepção e observação do espaço em que se está inserido, aumento da estima pessoal, o “despertar” de bons sentimentos, e muito mais.

Historicamente, a arte é reconhecida por ter uma função simbólica, criando “substitutos da vida” sem nunca ser descrição do real. A arte possibilita ao homem se expressar e ao mesmo tempo realizar-se dos significados atribuídos à sua vida, na sua longa busca de um ténue equilíbrio com o meio circundante. Por meio dela, manifesta-se uma relação profunda do homem com o mundo. Em momentos diferentes da história, serviu a vários propósitos: algumas vezes como subjetividade, exercendo uma função mágica de aproximar-se do mistério e ser veículo dele, outras, como uma racionalidade com poder de crítica ou de aclamação de aspectos variados da vida (ANDRADE, 2000).

“Garden” e a Semiótica – Análise da Obra



Garden – Romero Britto (2000)

É muito comum que algumas pessoas acreditem que as obras de arte só têm função decorativa e não sabem como identificar qualquer significado que elas podem oferecer. Mas a arte vai muito além da estética, já que tem como finalidade ser instrumento da percepção e sensibilidade do artista.

O ser humano tem a natureza sensível, capaz de refletir, pensar, se emocionar e expressar todas essas emoções por diversas formas. A arte foi a forma encontrada pelo homem para reinventar a beleza, o prazer, mas também se indignar. Ela é um meio de levá-lo a observar com mais atenção o mundo e a sociedade ao redor, dando mais atenção as formas, cores e sutilezas imperceptíveis na agitação cotidiana.

Uma obra de arte contém os sentimentos do artista, que se apropria dos elementos naturais do meio e é capaz de expressar também o momento social, político, econômico e cultural da sociedade. Pode servir como manifestação ou mera representação, mas tem como resultado um despertar de sensações.

A arte utiliza signos que dão sentido e significados a compreensão do homem. Esses signos podem ser verbais ou não verbais e são estudados pela semiótica. Ela busca entender como o ser humano reage a esses signos, inclusive a forma como se envolve com eles. Eles estão distribuídos em toda forma de arte, seja nas plásticas, teatrais, visuais, musicais etc.

Na estética semiótica, a obra de arte não é tratada como um objeto, mas sim como um signo, “cujos processos de produção e recepção constituem processos peculiares de semiose” (SANTAELLA, 2000, p. 168), ou seja, processos peculiares de ação do signo.

Tomamos para análise a pintura “Garden” (2000) de Romero Britto, a “reunião de clássicos” do pintor. Em meio ao colorido e as formas podemos observar a escolha de retratar animais de companhia, domésticos, como o gato e o cachorro, que desperta no espectador uma memória afetiva. A borboleta, remete a ideia da liberdade, é muito a cara de Romero Britto, que nasceu no Recife, mas fez carreira distante. Observamos, por exemplo, a expressão do peixe, que mantém um sorriso aberto. O peixe é construído a partir de estampas diferentes, muitas cores e contornos simples. A representação da flor, feita com traços simples, se destaca pelo estampado irreverente e colorido. O tema do amor representado aqui pelo coração é bastante frequente na produção do artista que procura uma estética afetiva, voltada para as emoções, que desperta um lado amoroso em quem aprecia as suas obras. Com contornos simples, temos a representação de um menino e uma menina em forma infantil. Os traços marcantes e fortes, remetendo aos vitrais representam bem o movimento cubista, principalmente pelas formas geométricas que identificamos em sua obra, animais são formados a partir de triângulos e círculos, que remete ao estilo do movimento cubista, que misturava principalmente muitas figuras geométricas em um único plano.

Nesta obra é possível destacar a primeiridade, percebida através das cores vibrantes, espontaneidade, qualidade e liberdade em seus elementos visuais nos passam uma sensação de alegria. Um mix entre flores, folhas, corações, animais, figuras geométricas, composições ousadas, criando temas com elementos cubistas. Os elementos ligados a essa obra estão intimamente ligados à felicidade do ser humano.

No campo da secundidade, temos a incorporação de elementos retratados na obra como: coração (amor, prazer), animais (peixe, gato, borboleta) flores e as formas geométricas, tudo isso causando impacto visual.

Os signos podem desencadear processos interpretativos complexos a partir dos quais podemos atingir a terceiridade. Tomando como exemplo a análise da pintura “Garden”, ao entender a intenção do artista, isto é, analisando o contexto histórico em que a obra foi criada e compreendendo a ideia que se deseja transmitir, onde ele reúne: formas, animais, flores, coração, todos elementos cruciais e sempre presentes nas obras de Britto,

alcançamos a terceiridade, ou seja, completamos a tríade, entendemos o pensamento completo, dando todo o contexto do signo.

Considerações Finais

Pelos estudos desenvolvidos até o presente momento, podemos concluir que a Semiótica, como teoria geral dos signos, idealizada e criada por Charles Sanders Peirce, possibilita o uso de uma complexa fundamentação teórica na análise e investigação dos sistemas de significação. Na medida em que encontramos no pensamento de Peirce o pressuposto de que tudo o que é apreendido pela mente, é apreendido com o caráter de signo, sendo, nesse sentido, o próprio pensamento constituído numa corrente de signos, isto direciona ao problema central das teorias que investigam os processos de representação e significação.

As categorias organizadas por Peirce contribuem de forma significativa para a compreensão do processo de construção da imagem, em especial da pintura. O autor da obra faz um percurso pelos diferentes níveis (primeiridade, secundidade, terceiridade), já que sua intenção é expressa na organização dos diferentes elementos os quais compõem a pintura.

A compreensão da obra pelo leitor também se dá através de um percurso semiótico, em que o interpretante pode permanecer tanto no nível da primeiridade como aprofundar o processo cognitivo, alcançando o nível da terceiridade.

Em consonância com a semiótica peirceana, qualquer linguagem deve ser compreendida de acordo com o contexto em que foi produzida. Todo texto (verbal ou não-verbal) nasce de um contexto e a compreensão de um sistema sótico implica considerar a situação em que é utilizado, ou seja, o seu contexto. O autor da obra tem uma intenção expressa na organização dos diferentes elementos que compõem a imagem. O espectador, por meio de um percurso semiótico, aprofunda o processo cognitivo, interpreta os signos e reconhece a intenção do autor.

O primeiro contato com a obra, a identificação do tema, a pesquisa na história de vida do pintor Romero Britto, a reflexão sobre os elementos apresentados, ou melhor, a consciência do que vê, a interpretação do fato apresentado na obra e sua contextualização

são operações fundamentais as quais possibilitam, concomitantemente, a leitura e compreensão da obra e a construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Liomar Quinto de. **Terapias Expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.

Cavalcante, Diego Frank Marques. **Por uma semiótica do riso: a semiose risível no grupo de humor Porta dos Fundos**. In Semeiosis: semiótica e transdisciplinaridade em revista, v. 10 n. 1, jun. 2022. Acesso em 14/08/2023.

GOIS, J.; GIORDAN, M. **Semiótica na Química: a teoria dos signos de Peirce para compreender a representação**. Química Nova na Escola, nº7, p.34-42, 2007.

MCCARTHY, David; NUNES, Otacílio. **Arte Pop**. São Paulo, Sp: Cosac & Naify Edições, 2002.

PEIRCE. Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo. Perspectiva, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. [Primeiros Passos].

SANTAELLA, Lúcia. **Estética de Platão a Peirce**. 2 ed. São Paulo: Experimento, 2000.

WARTHA, E. J.; REZENDE, D. B. **Os níveis de representação no ensino de química e as categorias da semiótica de Peirce**. Investigações em Ensino de Ciências – V16(2), pp. 275-290, 2011.

SITES

Disponíveis em:

<https://www.resumoescolar.com.br/artes/funcoes-da-arte-e-semiotica/> Acesso em julho/2023

<https://www.escriitoriodearte.com/artista/romero-britto> Acesso em julho/2023

https://pt.wikipedia.org/wiki/Romero_Britto Acesso em julho/2023

<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/artes/a-arte-como-instrumento-de-autoconhecimento-e-cura.htm> Acesso agosto/2023